



Griot: Revista de Filosofia

ISSN: 2178-1036

griotrevista@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

Bach Junior, Jonas
O conceito de metamorfose e a fenomenologia da natureza de Goethe
Griot: Revista de Filosofia, vol. 10, núm. 2, 2014, pp. 173-188
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.31977/grirfi.v10i2.612>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576664779011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org


UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

O CONCEITO DE METAMORFOSE E A FENOMENOLOGIA DA NATUREZA DE GOETHE

Jonas Bach Junior ¹

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

 <https://orcid.org/0000-0001-6704-4065>

RESUMO:

Este artigo apresenta o conceito de metamorfose de acordo com a fenomenologia de Goethe. O aprimoramento da percepção fenomenológica da natureza é o fundamento para o desenvolvimento do processo de interação entre o sujeito e o objeto. O objeto orgânico requer modos de intencionalidade adequados às suas modalidades de apresentação. A versatilidade de representações é um prerequisite para o desenvolvimento do juízo fenomenológico, que almeja deixar o ser se manifestar. A linguagem torna-se instrumento de aproximação ao objeto. Os conceitos são aplicados em sua dimensão transcendental. O conceito de metamorfose apreende a unidade do fenômeno em sua multiplicidade de manifestações. A transitividade dos modos de manifestação do ser orgânico é expressa no princípio da metamorfose.

PALAVRAS-CHAVE: Metamorfose; Fenomenologia; Goethe.

THE CONCEPT OF METAMORPHOSIS AND THE GOETHE'S PHENOMENOLOGY OF NATURE

ABSTRACT:

This article introduces the concept of metamorphosis according to the phenomenology of Goethe. The improvement of the phenomenological perception of nature is the foundation for the development of the interactional process between subject and object. The organic object requires appropriate modes of intentionality for their modes of presentation. The versatility of

¹ Pós-doutorando no Departamento de Filosofia da Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo – Brasil. Email: jonasbachjr@yahoo.com.br

representations is a prerequisite for the development of phenomenological judgment that lets the being to manifest itself. The language becomes an instrument of approaching to the object. The concepts are applied in its transcendental dimension. The concept of metamorphosis apprehends the unity of the phenomenon in its multiple manifestations. The transitivity of the modes of manifestation of the organic being is expressed in the principle of metamorphosis.

KEYWORDS: Metamorphosis; Phenomenology; Goethe.

Introdução

O conceito de metamorfose é um dos fundamentos da fenomenologia da natureza de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). No campo da pesquisa científica, ele foi elaborado na sua teoria sobre a botânica em sua obra *A Metamorfose das Plantas* (GOETHE, 1993). O fenômeno orgânico é compreendido como manifestação de um todo. É necessário abranger, então, três princípios da abordagem epistemológica em relação ao objeto para a compreensão ampla do conceito utilizado por Goethe, que se expressa nas polaridades entre unidade e multiplicidade, todo e partes, ausência e presença.

Os procedimentos científicos utilizados por Goethe, embora circunscritos a campos especializados como a botânica ou a ótica, foram reconhecidos como fenomenológicos somente no século XX dentro do ambiente do debate filosófico e epistemológico. O diferencial em sua metodologia deve-se a uma atenção específica ao modo especial de observação, por isso sempre foi empírico, e a uma conduta de representações sobre a própria dinâmica reflexiva durante o processo de pesquisa, por isso, orientado à intencionalidade.

Antecipando-se aos progressos do século XIX, Goethe elabora esboços de uma visão evolucionista da natureza, sem recair nos reducionismos já existentes e nos que surgiriam. Segundo Steiner, que foi o primeiro pensador a publicar uma teoria do conhecimento relacionada ao método goetheano, a ciência alçou grandes conquistas com uma metodologia adequada ao nível físico da existência, o mundo inorgânico. O mundo orgânico, no entanto, necessitava de um método do conhecimento adequado à dimensão da vida e foi realizado na fenomenologia criada por Goethe.

Percepção fenomenológica da natureza

A fenomenologia de Goethe é um processo de vinculação entre sujeito e objeto para potencializar a interação que visa um modo cognitivo elevado. Primeiramente, o ponto de partida é uma postura consciente no esforço de aprimoramento sobre a qualidade da percepção do objeto. O sujeito não altera as condições de apresentação do objeto, mas atenta às suas atividades que podem distorcer a transparência da manifestação fenomênica. A preocupação em relação ao objeto focaliza as diversas modalidades de apresentação. A fenomenologia de Goethe, na sua relação com a percepção, compartilha as mesmas características apontadas por Sokolowski (2004, p.25-27), como a abordagem dos lados, aspectos e perfis de um objeto. O objeto percebido apresenta, na percepção inicial, um lado presente e diversos lados ausentes, ou potencialmente visíveis. O que está sendo visto tem uma dependência relacionada à interação entre a posição do observador e a posição do observado. Além disso, o objeto pode ser percebido através de diferentes modos de apresentação, o que revela seus aspectos. Em terceiro lugar, os mesmos aspectos do objeto podem ser percebidos em momentos diferentes, ou seja, apresentar diferentes perfis.

As transformações dos objetos do mundo inorgânico são consequências exclusivas de ações externas aos mesmos. Constatar este princípio do reino mineral é o reconhecimento de sua essência. O fenômeno orgânico do reino vegetal pode sofrer transformações ocasionadas por forças externas, mas apresenta transformações que não são resultados de uma relação de causalidade provocada por fatores externos.

A fenomenologia de Goethe explora a diversidade de lados, aspectos e perfis do mundo vegetal para dinamizar e enriquecer seu processo de construção do conhecimento. Interessava-lhe conhecer o reino vegetal como um todo, porém, este objeto possui muitos lados, muitas perspectivas de observações e percepções, ou seja, muitas espécies. A mesma espécie de planta, no mundo fenomênico ou no mundo da vida [*Lebenswelt*], apresenta diferentes aspectos à percepção de acordo com o lugar de sua manifestação. Neste quesito, Goethe realizava inúmeras observações de como se desenvolvia a mesma espécie vegetal, quando numa planície ou no alto de uma montanha, em diferentes tipos de solo ou de condições climáticas. Importa para a fenomenologia a observação da diversidade dos aspectos do objeto, ou dos seus modos de manifestação. Além disso, é inerente à fenomenalidade do reino vegetal a pluralidade da transformação dos aspectos ao longo do tempo. O desenvolvimento de uma espécie vegetal revela seus múltiplos perfis. Conhecer

integralmente um ser vegetal implica em observá-lo ao longo do tempo e ampliar as percepções que integram o conjunto de transformações perpassadas. O espectro global de perfis de uma planta se expressa ao longo do período anual, que é o processo integral de manifestação do ciclo vegetal da planta como um todo, da semente aos frutos.

Outro fator que merece ser destacado é a visão integradora da abordagem fenomenológica, onde lados, aspectos e perfis não são elementos separados do objeto, mas estão intrinsecamente em conexão um com o outro. Refletir sobre o objeto significa, então, levar em consideração este inter-relacionamento entre lados, aspectos e perfis de uma planta. A observação dos lados de um objeto é compartilhada com o empirismo comum e que embasou a botânica contemporânea a Goethe através de Lineu. No entanto, a inclusão dos diferentes aspectos e perfis do objeto sob estudo é um diferencial da fenomenologia da natureza e um fator de acréscimo na complexidade da pesquisa. A qualidade da percepção é um fator a ser desenvolvido pelo sujeito. Dentre os diversos procedimentos para se chegar a outros níveis de percepção, Goethe utilizava, por exemplo, a ilustração das espécies que encontrava para observação. Sua viagem à Itália ofereceu-lhe diversas ocasiões para o treinamento de uma observação mais acurada, aproveitando o que a diversidade climática e geológica proporcionava em termos de variedade de lados, aspectos e perfis dos objetos. Sempre foi importante observar o diferencial de acordo com o contexto da manifestação. Não há espécie vegetal que formata sua apresentação, há um jogo de forças entre as intenções de manifestação e as condições contextuais para tal.

Goethe se aparta do esquema catalográfico de Lineu, o que este aglutina por semelhança, aquele vê diferença ou onde este separa por diferença, aquele vê semelhança. A distinção entre os tipos de discernimento entre o que é semelhante e o que é diferente, tem origem justamente no trabalho da qualidade de percepção do objeto. A fenomenologia goetheana tem seu ponto de partida não só na necessidade de catalogar as diferentes espécies, ou seja, conhecer e interpretar o reino vegetal a partir dos seus diferentes lados, mas inclui no seu processo de diferenciar e assemelhar outros critérios como os aspectos e perfis dos objetos.

A dimensão do tempo é uma modalidade de apresentação do objeto que incrementa a complexidade do processo de observação, quando a intenção é uma gama ampliada de percepções do fenômeno. Mesmo com um ponto de apoio no fator empírico, a fenomenologia da natureza explora o que a percepção sensorial direta não oferece, como é o caso da percepção temporal. A botânica de Lineu permaneceu espacial, estática, dependente da forma percebida. A botânica de Goethe incluiu o dinamismo do tempo e avançou para

a percepção do que ocorre no decurso temporal e que se manifesta no plano sensorial. “Nós podemos e queremos compreender o vivo, não permanecendo na forma fixa, no estático, mas devemos acompanhar as configurações em suas transformações, em suas transições e penetrações” (GROHMANN, 1990, p.21)².

A percepção temporal, contudo, incide numa elaboração da atividade do sujeito em intercâmbio com os modos de apresentação do observado. Esta atividade foi denominada por Goethe (2000, p.42) de “fantasia sensorial exata” [*exacte sinnliche Phantasie*]. Neste ponto, a fenomenologia alia a pesquisa científica ao ato criador oriundo da arte, pois a percepção temporal não é algo dado pelo objeto onde o sujeito, passivamente, recebe. Tampouco é uma especulação reflexiva que poderia derivar por idiossincrasias individuais. Ciência está conectada à arte num sentido lato na fenomenologia da natureza. A potencialidade explorada na arte, o recurso da autenticidade no campo criativo, do que necessariamente precisa ser criado pelo ser humano, empresta possibilidades para uma ciência avante do seu tempo. Por isso, a fenomenologia da natureza não é mero empirismo, onde a pesquisa limita-se ao primeiro plano das aparências.

Como a fenomenologia goetheana é empírica, a percepção do objeto é ensejo para a pesquisa do sujeito no sujeito, de um processo de elaboração da percepção temporal. Cada observação oferece uma perspectiva do objeto, a percepção é o resultado desse processo que revela apenas um momento de manifestação fenomênica. A compreensão da vida da planta exige uma consideração globalizante, que integralize os diversos lados, aspectos e perfis de apresentação. A percepção temporal é a elaboração do sujeito que cria o elo vinculante entre os diferentes aspectos e perfis coletados nos processos de observação. A conexão ou o elo entre as diferentes percepções não são oferecidos pelo objeto, este oferece instantes que são episódios de algo que pode ser contínuo ou descontínuo. A percepção temporal é a captação desta continuidade ou descontinuidade que no espaço encontra-se fragmentariamente expressa e que no tempo encontra-se unitariamente estabelecida (PÖRKSEN, 1999, p.55). Por isso, a fenomenologia da natureza nasceu com um engajamento prático na observação da natureza, concretizado pelo modo de vida de Goethe, que era um entusiasta pela relação direta com o mundo orgânico. A multiplicidade de espécies oferece um exercício de pesquisa para captar a continuidade e a descontinuidade. A temporalidade torna-se um

² [Wir dürfen ja, wollen wir das Lebendige erfassen, nicht bei der festen Form, beim Statischen stehen bleiben, sondern wir müssen die Gestaltungen in ihren Abwandlungen, in ihren Übergängen und Durchdringungen verfolgen.] (GROHMANN, 1990, p.21) (Tradução do autor)

aspecto qualitativo da percepção do sujeito que estabelece outro nível de relação do ser humano com o seu ambiente.

O diferencial qualitativo da percepção fenomenológica é um ponto de partida da metodologia goetheana. O processo da aplicação prática desta fenomenologia recorre a outra dinâmica na interação sujeito e objeto. A meta não é colecionar o maior volume possível de representações, mas intensificar a interatividade entre os dois pólos da relação: ser humano e natureza. Antes de se preocupar com o resultado, há um foco no processo, este é o ensejo para transformação do sujeito.

Juízo fenomenológico

A elaboração do próprio processo reflexivo é também uma das prerrogativas da fenomenologia de Goethe. Todo o espectro de percepções oferece apenas um lado da realidade que necessita ser complementado por uma atividade que somente o sujeito epistemológico pode realizar, a conceitual. Não basta uma elevação na qualidade da percepção, o complemento na aplicação de conceitos adequados ao fenômeno é pressuposto epistemológico. A teoria do conhecimento baseada na fenomenologia de Goethe foi formulada por Steiner.

Goethe sempre trilha o caminho da experiência no mais rigoroso sentido. Primeiro toma os objetos como eles são e tenta penetrar sua natureza abstendo-se de qualquer opinião subjetiva; depois estabelece as condições sob as quais os objetos possam relacionar-se, e espera o que daí resulta. Goethe procura dar à natureza ensejo de fazer valer sua regularidade em circunstâncias particularmente características produzidas por ele, ou seja, de expressar ela mesma suas leis. (STEINER, 2004)

Os conceitos possuem a função de conexão dos dados percebidos, por isso, a necessidade de realizar igualmente uma pesquisa da intencionalidade conceitual operante no encontro com os fenômenos. Os conceitos de unidade e multiplicidade, todo e partes, ausência e presença são integrados ao processo reflexivo da fenomenologia goetheana.

O reino vegetal é múltiplo e diverso em sua manifestação, em seu modo de apresentação. Isto levou a botânica a uma catalogação minuciosa, a uma especialização e a uma abundância na terminologia e nos conceitos que procuravam dar conta da variedade encontrada. Para Goethe, a ênfase da botânica sobre a multiplicidade negou a unidade inerente ao fenômeno. A pesquisa que descartou ou negou o princípio da unidade inerente caiu na unilateralidade do mundo percebido. A fenomenologia da natureza investe na concomitância da polaridade da multiplicidade e unidade.

O juízo fenomenológico é um exercício de vincular à multiplicidade percebida o conceito do fenômeno que vincula toda a diversidade manifestada. As modalidades de apresentação do reino vegetal escondem a unidade subjacente ao mesmo. Esta unidade é tarefa cognitiva do sujeito pesquisador que, imbuído do princípio primordial do mundo fenomênico, pratica a vinculação do que é unitário e só pode ser intuído, com o múltiplo que é percebido. A evidência da unidade no reino vegetal foi um processo de exercício do julgamento intuitivo [*anschuende Urteilkraft*] que vincula o conceito da planta primordial [*Urpflanze*] com a multiplicidade de percepções do reino vegetal. O processo fenomenológico goetheano foi uma afirmação simultânea da unidade e da multiplicidade. A diversidade não foi restringida, pelo contrário, como visto acima, cada espécie de planta foi pesquisada na complexidade de variações dos seus lados, aspectos e perfis.

O princípio do todo e das partes é indissociável e pesquisável na aplicação prática da fenomenologia da natureza. As denominações semente, caule, folha, pétala, etc. indicam as partes do fenômeno percebido. Goethe extrapola a linguagem convencional e amplia a relação com o fenômeno utilizando um conceito transcendental de folha, indicando com isso a presença do todo em cada parte.

No espólio Goethe denomina este conceito da folha como um “conceito transcendental” frente ao “conceito trivial”. Ele toca aqui no problema quase desesperador da comunicação linguística. Na Metamorfose das Plantas ele traz inúmeras indicações sobre a forma folial, ou semelhante à folha, ou folial latente dos órgãos vegetais, mas abdica de inventar um termo para este conceito. (PÖRKSEN, 1986, p.86-87)³

O juízo fenomenológico é uma reconstrução linguística para ultrapassar os limites impostos pela linguagem cotidiana ou conformada às convenções. A linguagem do juízo fenomenológico, por embeber-se de sua base intuitiva, reformula e reconstrói o uso das palavras para oferecer indícios na comunicação intersubjetiva das evidências conquistadas ao longo do processo de pesquisa. “Tudo é folha” [*Alles ist Blatt*] não é uma expressão literal que define uma parte em todas as partes, ela indica a presença – normalmente tida com ausente – do

³ [Im Nachlaß nennt Goethe diesen Begriff des Blattes einen „transzendentellen Begriff“ gegenüber dem „Trivialbegriff“. Er berührt hier das beinahe verzweiflungsvolle Problem der sprachlichen Mitteilung. In der Metamorphose der Pflanzen bringt er zahlreiche Hinweise auf die blattartige oder blattähnliche oder latent blattartige Gestalt der pflanzlichen Organe, verzichtet aber darauf, einen Terminus für diesen Begriff zu erfinden.] (PÖRKSEN, 1986, p.86-87) (Tradução do autor)

todo em todas as partes. A linguagem do juízo fenomenológico é um instrumento de aproximação ao ser da natureza, é um instrumento epistemológico (PÖRKSEN, 2008, p.89-91)

Na perspectiva da percepção, o todo é ausente, pois os dados da observação são desconexos. Cada parte nominada está num determinado local, os espaços distintos aparentam desvinculação. A presença das partes separadas oculta a presença do todo unitário. A ausência do todo na percepção parcial, se não for levada em consideração por um julgamento epistemológico enriquecido, induz a uma relação limitada com o fenômeno. Tornar o ausente presente é uma ativação do papel do pesquisador. Sem esta atividade, as percepções restringem-se ao seu plano primário e mais básico. A fenomenologia da natureza é um esforço de elevação a outros níveis de relação com o fenômeno. Esta elevação é realizada com a inclusão de uma atividade do juízo fenomenológico, que procura associar ao que é percebido como dissociado o elemento que estabelece as conexões.

O todo manifesta-se sucessivamente e simultaneamente no fenômeno. A pesquisa do juízo fenomenológico é dupla. Este todo era denominado por Goethe (2000, p.32) de ideia ou tipo, porém, sem redundar à forma platônica num plano além do fenomênico. Para a fenomenologia da natureza, o todo, a ideia do fenômeno, o tipo da planta, é buscado na aparência mesmo. Não há para Goethe uma dicotomia entre aparência e realidade, os fenômenos são a própria teoria. O tipo é o fundamento do fenômeno natural, é “um organismo sob forma de generalidade – uma imagem genérica do organismo, compreendendo em si todas as formas particulares do mesmo” (STEINER, 2004, p.89). Goethe utilizou o termo tipo para conceituar a identidade do ser na multiplicidade fenomênica, a força geradora daquilo que aparece, daquilo que se apresenta.

Esse tipo não se encontra realizado em toda a sua perfeição em nenhum organismo individual. Apenas nosso pensar racional está apto a apoderar-se do mesmo, extraindo-o dos fenômenos como imagem genérica. O tipo é, com isso, a idéia do organismo: a animalidade no animal, a planta genérica na planta específica. (STEINER, 2004, p.89)

A função da pesquisa é a descoberta, ou melhor, a decifração do fenômeno. O mundo percebido é manifestação de enigmas. A fenomenologia de Goethe é uma escola para a leitura da natureza. Para lermos a natureza, é necessário, antes de tudo, compreender sob qual linguagem ela se expressa. O juízo fenomenológico incorpora os prerequisites conceituais e linguísticos para o intercâmbio com o objeto pesquisado. O fenômeno da natureza é uma

expressão de unidade na multiplicidade, do todo nas partes, da aparente ausência na presença.

A unidade na multiplicidade evita a distração do grande escopo de variações de formas apresentadas à percepção. A fenomenologia da natureza é um exercício na percepção de padrões, na percepção do que se expressa espacial e temporalmente. Perceber o padrão é chegar a uma expressão unitária dentro da multiplicidade. Há diversos níveis de padrões ausentes à percepção, que não se apresentam na modalidade dos lados do objeto, mas que podem ser verificados a partir da observação da diversificação de aspectos e perfis do objeto. Entretanto, a conversação científica restringe os usos de conceitos e palavras dentro de perspectivas paradigmáticas.

A fenomenologia de Goethe reconfigura a utilização conceitual abrindo novos caminhos do pensamento. A criação de novos pensamentos e novas regras conceituais é denominada como atividade poética na análise fenomenológica de Flusser (2005, p.148), pois ela “é dupla, impõe novas regras e novas palavras (conceitos). Seus pensamentos (frases) são novos porque contêm elementos novos (conceitos novos) ou regras novas (gramática nova)”. A intencionalidade criativa é uma das características fundamentais da pesquisa fenomenológica goetheana. A conversação da linguagem científica toma diferentes rumos em relação às convencionalidades e à tradição quando aproveita as intuições da fenomenologia da natureza. Porém, devido ao seu caráter inabitual, a assimilação do novo pensamento requer a contrapartida da atividade fenomenológica de quem participa da intersubjetividade comunicativa. Quando não há reciprocidade no reconhecimento do que está sendo comunicado, normalmente por falta de uma efetivação das evidências fenomenológicas, os novos pensamentos são recusados. Na ciência dominante, o próprio processo de observação é restrito, não inclui os aspectos e perfis fenomenologicamente considerados acima. O ponto de partida fenomenológico é um grande diferencial qualitativo. “Quem quer abordar o mundo das plantas sem preconceito, deve levar em consideração tudo o que observa” (GROHMANN, 1990, p.77)⁴. Portanto, as asserções da ciência dominante não alcançam a abrangência solicitada pela percepção fenomenológica da natureza. Surgem duas linguagens, a fenomenológica inclui a linguagem dominante, mas transcende-a, esta permanece em sua esfera.

A formação do julgamento fenomenológico é uma reconfiguração da linguagem, pois esta é utilizada como instrumento epistemológico na fenomenologia goetheana. A questão da percepção não é mero resultado exclusivo da observação sensorial, mas inclui o papel da intencionalidade que

⁴ [Wer vorurteilslos der Pflanzenwelt gegenubertreten will, der muß alles in Betracht ziehen, was er beobachtet.] (GROHMANN, 1990, p.77) (Tradução do autor)

permite a apreensão de outras modalidades de apresentação do objeto. A linguagem utilizada por Goethe não se restringe à denominação das coisas, tampouco é de caráter estético como acusam os críticos superficiais, ela é antes de tudo esclarecedora.

Ele amplia o conceito de folha para um conceito superior de gênero, seu conceito joga, flutua para lá e para cá entre os níveis da intuição sensorial e as alturas da abstração; a palavra denominadora torna-se, deste modo, uma expressão transparente, esclarecedora e, ao mesmo tempo, que alude ao nível inferior: tudo é folha. (PÖRKSEN, 1994, p. 115)⁵

Novos conceitos são os veículos de uma nova interação com a natureza e estes se expressam na linguagem de quem primeiramente ativou e alçou as evidências. Para que o conteúdo destas evidências seja compartilhado, o pressuposto é a ativação do sujeito receptor.

O conceito de metamorfose

O conceito de metamorfose foi elaborado dentro de uma metodologia fenomenológica, onde as reflexões filosóficas e epistemológicas fazem-se necessárias para a ampliação e elevação da compreensão dos fenômenos. A elaboração das observações e da intencionalidade são um prerequisite à compreensão das evidências das metamorfoses.

Goethe em sua principal obra sobre a botânica, a *Metamorfose das Plantas*, cita poucas vezes o termo que se tornou o conceito principal de sua metodologia para pesquisa do reino vegetal. Isto implica num esclarecimento sobre o conceito de metamorfose que não acontece tão direta e explicitamente como nos padrões vigentes. A definição do que significa metamorfose não está em algum parágrafo ou capítulo isolado, mas na obra como um todo. A estrutura da obra progride exatamente de acordo com os principais estágios de desenvolvimento de uma planta, das sementes aos frutos. O ponto de partida é sempre a observação, reiteradamente apresentada em cada seção e em inúmeros parágrafos da obra.

A metamorfose da plantas é um princípio unitário que, em maior ou menor grau de manifestação, subjaz a toda multiplicidade de espécies encontradas na natureza. O conceito é expresso em modos fenomênicos como a expansão e a contração. A multiplicidade é resultado de uma intercalação entre

⁵ [Er erweitert den Begriff des Blattes zum übergeordneten Gattungsbegriff, sein Begriff spielt, fluktuiert zwischen der Ebenen der sinnlichen Anschauung und der höheren der Abstraktion hin und her; aus dem benennenden Wort wird auf diese Weise ein durchsichtiger, erklärender und zugleich auf die niedere Ebene anspielender Ausdruck: „Alles ist Blatt“.] (PÖRKSEN, 1994, p.115) (Tradução do autor)

estes dois princípios que, nos casos individuais, revelam ora a preponderância de um, ora de outro. O princípio da expansão e contração é atuante tanto na metamorfose das folhas, quanto da planta como um todo, por exemplo, nas fanerógamas. Nem todas as espécies manifestam a metamorfose completa.

Goethe pesquisava as formas [*Gestalten*] que eram apresentadas à observação sensorial e realizava uma atividade da intencionalidade para a compreensão da formação [*Bildung*] das plantas, ou do impulso formativo. Entre a polaridade máxima das sementes e frutos, os outros estágios de desenvolvimento vegetal são transições que assumem as mais variadas formas. A formação da planta é o princípio temporal que pode apresentar um caráter contínuo, na metamorfose das folhas, ou um caráter descontínuo, na metamorfose das plantas com flores. “Eu, porém, estou inclinado a dizer que, quando um ser orgânico se apresenta, não é possível compreender a unidade e a liberdade do impulso formativo sem o conceito de metamorfose” (GOETHE, 1987, p.190)⁶.

A metamorfose é o todo e a unidade do reino vegetal, nem todas as espécies (partes, multiplicidade) completam o fenômeno metamórfico. O todo está contido igualmente nas partes, a unidade está presente na multiplicidade. O conceito de metamorfose compreende o âmbito da ausência à observação sensorial e o âmbito da presença à intuição conceitual. No entanto, a observação sensorial de cada caso é imprescindível para a presença à intuição conceitual, pois a multiplicidade fenomênica é aparência com essência e esta não é explorada abstrata ou especulativamente na fenomenologia da natureza. Os fenômenos vegetais manifestam os princípios primordiais da verticalidade e horizontalidade, expansão e contração, nas mais variadas configurações. A metamorfose é a expressão de todos os graus de transitividade, da interação das polaridades que geram dinâmicas de preponderâncias dos pólos, da gradação entre os extremos quando se trata do contínuo, da transcendência a novos níveis além dos extremos quando se trata do descontínuo.

A modalidade da intencionalidade fenomenológica goetheana respeita um princípio inerente ao fenômeno que pesquisa. A natureza é expressão de unidade e multiplicidade, síntese e análise. O processo da intencionalidade fenomenológica acompanha a dinâmica de sístole e diástole, justamente para no dinamismo intencional poder acompanhar o dinamismo fenomênico. O objetivo é uma adequação da dinâmica intencional à dinâmica do manifesto para que a relação sujeito e objeto não redunde em uma unilateralidade. Esta relação

⁶ [Yo, sin embargo, me inclino a afirmar que, cuando se nos presenta un ser orgánico, no es posible comprender la unidad y libertad del impulso formativo sin el concepto de metamorfosis.] (GOETHE, 1987, p.190) (Tradução do autor)

epistemológica busca a coerência do seu processo conforme o que precisa ser intrínseco em ambos.

A dicotomia sujeito e objeto é uma diástole epistêmica que surge na relação ser humano e mundo, a transcendência é a geração de uma sístole epistêmica para novas diástoles e assim entrar no ciclo novamente.

A natureza se manifesta ciclicamente e a fenomenologia da natureza é uma intencionalidade cíclica. Goethe era ciente dessa dinâmica e era crítico em relação à negligência da ciência natural quanto à necessidade epistemológica deste aspecto. Seu posicionamento crítico apontava para o distanciamento do ser humano em relação à natureza, fruto da cultura da modernidade, cujas consequências eram pressentidas e advertidas pelo fenomenólogo.

Goethe reiteradamente enfatizou a necessidade de uma autoelaboração da própria subjetividade, com o intuito de aprimorar a habilidade de ser verdadeiro, ou seja, o sujeito tem a responsabilidade de aperfeiçoar a habilidade que permite o ser aparecer. A fenomenologia da natureza é um procedimento epistemológico que implica num treinamento da subjetividade, para que esta se torne capaz de permitir que a essência do ser natural, que se expressa em metamorfoses, transpareça ao pesquisador. O preparo do sujeito engloba a apreensão das inúmeras formas de transições do ser da natureza. A percepção momentânea de uma planta aborda apenas um episódio, o processual é dinâmico. Nesta transitividade do ser da planta, entre uma espécie que predomina caule e outra espécie que predomina, que ora se expressa preponderantemente no solo ou próximo dele e ora se manifesta cada vez mais proximamente à luz, apreende-se as diversas configurações que a planta arquetípica assume como forma sensorial. Imbuir-se autenticamente do espírito da fenomenologia de Goethe implica numa absorção de uma prática, que continuamente se realiza no encontro com cada espécie vegetal, ou seja, com cada fenômeno derivado cuja origem é um arquétipo. Em outras palavras, a fenomenologia de Goethe pressupõe uma outra postura pesquisadora, cujo objetivo é a experiência da evidência que sempre se renova. Não é uma apreensão do intelecto que conduziria a um termo final do processo epistemológico. Pelo contrário, é um exercício da razão que se renova no encontro empírico e que necessariamente precisa ser reaccessado.

A habilidade de permitir que o ser da planta transpareça é questão do sujeito se tornar ativo com outra qualidade dos seus processos cognitivos. Por isso, o conceito de metamorfose da fenomenologia goetheana só pode ser compreendido dentro da dinâmica cognitiva em que foi evidenciado. O sujeito epistemológico é inacabado, embora possa aplicar a referência do fenômeno primordial. Seu inacabamento o ponto de partida para novas incursões empíricas no ser da natureza em busca das experiências da evidência. A

habilidade cognitiva para tal poder intuitivo implica numa dinamização da intencionalidade da consciência. Este é o ponto principal na divergência de Goethe em relação à ciência convencional, demonstrando seu adiantamento à sua época, uma vez que já tinha avançado em questões que eclodiriam mais amplamente somente no século XX. A habilidade de tornar transparente um fenômeno do reino mineral exige uma espécie de intencionalidade. Para Goethe, esta intencionalidade adequada ao âmbito do fenômeno físico não corresponde à intencionalidade que permite a essência do ser vegetal aparecer. Por isso, ao ampliar para uma intencionalidade transitiva que apreende o dinamismo da qualidade temporal, o que pode ser percebido sensorialmente, que se manifesta no espaço, recebeu outro processo hermenêutico na fenomenologia de Goethe.

A utilização de conceitos transcendentais para ampliar e aprofundar a relação com a natureza é a ponte para a compreensão da metamorfose das plantas. Isto implica numa reformulação da linguagem humana que foi fortemente impregnada por conceitos adequados somente ao plano físico dos fenômenos. A linguagem da fenomenologia da natureza estende-se para abarcar a dimensão temporal, por isso, o que é semelhante e o que diferente adquirem outras nuances conceituais quando transcendem a esfera restrita do âmbito físico. A compreensão da metamorfose passa necessariamente por uma revolução na utilização das palavras. Goethe subverteu – no sentido de revolucionou – as convenções linguísticas justamente porque manteve nas pesquisas científicas o desbravamento de descobertas que incluem o avanço poético-criador da linguagem. Foi a ciência de sua época, enclausurada em paradigmas que não se libertaram do plano físico, que não possuía referências epistêmicas para compreender a linguagem da fenomenologia da natureza. O prerequisite para esta compreensão encontra-se no que Amrine (2013, p.53-54) destacou como prioridade para a evolução da ciência em si, na metamorfose do próprio cientista. A evolução da ciência, segundo a fenomenologia de Goethe, implica numa aproximação das especializações científicas à esfera filosófica. Esta elevação da particularidade da especialização ao nível epistemológico e filosófico significa uma reelaboração mais refinada da linguagem. A compreensão da metamorfose é uma intensificação da sutileza do processo cognitivo.

Considerações finais

O aprimoramento da percepção fenomenológica da natureza revela-se como base fundamental para o desenvolvimento do processo de interação entre o sujeito e o objeto. O reino vegetal requer modos de intencionalidade

adequados às suas modalidades de apresentação. Em seus lados, aspectos e perfis, o objeto orgânico permite a apreensão da sua essência através de uma ampliação da abordagem cognitiva. A percepção fenomenológica inclui as transformações inerentes ao próprio objeto e que ocorrem ao longo do tempo.

A percepção fenomenológica não adquire um caráter catalográfico e classificador das características físicas e espaciais do fenômeno. Na fenomenologia da natureza de Goethe, a percepção temporal representa qualidade essencial para o desenvolvimento do processo epistemológico. A percepção temporal implica numa ativação do sujeito que busca níveis mais elevados de compreensão e apreensão do objeto. As características temporais do fenômeno orgânico revelam um princípio de transformação imanente do ser vegetal que se apresenta ora de modo contínuo, ora de modo descontínuo.

A versatilidade de representações é um prerequisite para o desenvolvimento do juízo fenomenológico, que busca dinamizar a intencionalidade de modo tal que esta torne possível a apresentação do ser. A fenomenologia de Goethe tem a objetivo de desenvolver a habilidade de deixar o ser se manifestar. A linguagem nesta etapa do processo cognitivo torna-se instrumento de aproximação ao objeto. Os conceitos são aplicados às percepções para permitir a apreensão da manifestação da ideia no plano fenomênico. A elaboração ideativa de conceitos é um aspecto de ampliação da dinâmica subjetiva, que torna possível a apreensão do todo, do tipo da planta na espécie observada.

O específico e particular na observação sensorial é correlacionado ao universal e arquetípico do fenômeno primordial. A concatenação entre estes dois opostos é realizada através de uma reconfiguração da linguagem, utilizando a dimensão transcendental dos conceitos, superando a trivialidade na exploração das palavras. A revolução linguística é parte integrante da fenomenologia da natureza, que não se restringiu aos modos reducionistas de uma linguagem científica que ficou presa à dimensão espacial do fenômeno.

Somente no século XX foi desenvolvida uma linguagem epistemológica que abriu acesso à fenomenologia de Goethe. Adiantada em relação ao seu próprio tempo, a linguagem da fenomenologia goetheana permaneceu ininteligível e estranha, até que novos parâmetros paradigmáticos alçassem os níveis de abordagem do real estabelecidos na pesquisa da natureza. O conceito de metamorfose é central e pressupõe a apreensão da unidade do fenômeno em sua multiplicidade de manifestações. Sua elaboração é empírica e correlacionada às observações sensoriais. A ideia da metamorfose requer uma versatilidade da intencionalidade para apreender as modificações das formas físicas através de um princípio unitário que lhes confere coesão e conexão conceitual. A linguagem reconfiguradora do sentido empregado serve-se da

transcendência conceitual, as palavras ultrapassam a trivialidade do mundo percebido pelo senso comum. A metamorfose é modo de apresentação do mundo orgânico dentro da temporalidade. A transitividade dos modos de manifestação do ser orgânico possui intrinsecamente este caráter plástico-metamórfico, que permite a expressão da unidade e da liberdade da natureza em sua produtividade fenomênica. O fenômeno primordial é a baliza centralizadora e unitária de todas as multiplicidades constatáveis no mundo da vida. A intensificação do processo cognitivo é o caminho para a abordagem fenomenológica do princípio da metamorfose, que se manifesta igualmente segundo o mesmo princípio. Para tal modo de abordagem epistemológica, a linguagem acompanha a mesma dinâmica potencializadora do refinamento no emprego conceitual e verbal.

Referências bibliográficas:

- AMRINE, Frederick. The metamorphosis of the scientist. IN: SEAMON, David; ZAJONC, Arthur. *Goethe's way of science: a phenomenology of nature*. New York: State University of New York Press, 2013. p.33-54
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. São Paulo, Annablume, 2005.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Teoría de la naturaleza*. Madri: Editorial Tecnos, 1987.
- _____. *A metamorfose das plantas*. Tradução, introdução, notas e apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.
- _____. *Naturwissenschaftliche Schriften I. Band 13*. Hamburger Ausgabe. Munchen: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000. [Textos sobre ciência natural]
- GROHMANN, Gerbert. *Metamorphosen im Pflanzenreich*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1990. [Metamorfoses no reino vegetal]
- PÖRKSEN, Uwe. *Deutsche Naturwissenschaftssprachen: historische und kritische Studien*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. [Linguagens alemãs da ciência natural: estudos históricos e críticos]
- _____. *Wissenschaftssprache und Sprachkritik: Untersuchungen zu Geschichte und Gegenwart*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1994. [Linguagem científica e crítica da linguagem: pesquisas para a história e para o presente]
- _____. *Raumzeit: Goethes Zeitbegriff, abgelesen an seinen sprachlichen und zeichnerischen Naturstudien*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1999. [Tempo do espaço: o conceito de tempo de Goethe, obtido em seus estudos linguísticos e ilustrativos da natureza]
- _____. Goethes phänomenologische Naturwissenschaft. Sprache und Darstellung als Erkenntnisinstrument. IN: PLEŠTIL, Dušan; SCHAD, Wolfgang (Orgs.). *Naturwissenschaft Heute im Ansatz Goethes: Ein Prager Symposium*. Stuttgart: Verlag Johannes M. Mayer, 2008. p.89-103 [A ciência

natural fenomenológica de Goethe: linguagem e representação como instrumento epistemológico]

SOKOLOWSKI, Robert. *Introdução à fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

STEINER, Rudolf. *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*. São Paulo: Antroposófica, 2004.